

**A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA FICTIVIDADE:
SOCIOCOGNITIVISMO E CORPUS
Mudança fictiva em corpus de fala espontânea do PB**

Luciana Andrade Paula (UFJF/Apoio Estudantil)
Márcia de Paula Andrade (UFJF)
Carolina Otaviano do Carmo (UFJF/Apoio Estudantil)
Diego José Miranda de Oliveira (PROVOQUE)
Luiz Fernando Matos Rocha (orientador)

Este trabalho investiga construções linguísticas de mudança fictiva em *corpus* de fala espontânea do Português Brasileiro, mais precisamente da diatopia mineira, sobretudo da região metropolitana de Belo Horizonte. Tais construções se instanciam em exemplos como “O quarto ficou muito maior depois que retiraram os móveis de dentro dele”, nos quais uma mudança expressa no predicado ocorre apenas em função da percepção/concepção do conceptualizador, sem a contrapartida direta do cenário efetivo. Em outros termos, o quarto, de fato, não tem suas dimensões concretamente ampliadas, porém o caráter resultativo dessa mudança se dá no plano subjetivo. Alguns autores em Linguística Cognitiva (LC) vêm tratando desse fenômeno, como Sweetser (1990) e Matsumoto (1996), os quais basicamente fundamentam teoricamente este estudo e mostram que a visão de um dado objeto, este com sua historicidade e a com propriedades pré-estabelecidas e conhecidas pelo conceptualizador, passa a assumir outra dimensão, forma ou estado quando ocorre uma mudança na percepção do conceptualizador. Outras instâncias de natureza fictiva vêm sendo estudadas por autores em LC. De acordo com Talmy (1996, 2000), a fictividade, como parte da cognição linguisticamente manifesta, é uma atividade cognitiva abrangente que se instancia por meio de elaborações específicas do modelo “X Fictivo(a)”, a saber: entidade fictiva (TALMY, 1996, 2000; FAUCONNIER, 1994, 1997; LANGACKER, 1999, 2008; ROCHA et al., 2013), vinculada a nomes empregados em afirmações genéricas (e.g. “Leões são animais fortes”), como entidades mais abstratas, desengajadas de instâncias particulares; movimento fictivo (LANGACKER, 2008; MATSUMOTO, 1996; TALMY, 1996, 2000; MATLOCK, 2001; MATLOCK et al., 2004; DORNELAS e ROCHA, 2014), em que entidades estáticas são aparentemente movidas via projeção do conceptualizador (e.g. “A estrada vai de Juiz de Fora ao Rio de Janeiro”); ato de fala fictivo (LANGACKER, 1999, 2008), como o uso de ironia, em que um aparente elogio é uma crítica; e perguntas retóricas, em que uma aparente pergunta é um comentário — sendo este último tratado por Pascual (2003) como um caso de interação fictiva. Tais aspectos teóricos lançam as bases de um desafio para este trabalho, que é a verificação da plausibilidade empírica da categoria mudança fictiva em dados reais de fala do Português Brasileiro. Acomodar exemplos inventados ou artificiais à sedimentação de hipóteses é, de fato, uma etapa pioneira e importante – procedimento este comum a estudiosos de LC nas fases iniciais. Todavia isso nos impele a um árduo compromisso com a empiria, no sentido de testar no uso real da linguagem os postulados oriundos de induções simuladas. Para tanto, a contraparte metodológica se alinha à busca de ocorrências de verbos de mudança de estado (e.g. “ficar”, “virar”, “transformar”,

“tornar”) na parte informal do *corpus* C-ORAL-BRASIL (RASO e MELLO, 2012), associada à oitiva dos arquivos em áudio e, concomitantemente, ao estudo das respectivas transcrições. Foram elencados os casos em que a mudança é de caráter subjetivo ou fictivo para análise qualitativa. Os resultados apontam para o fato de que a construção referida se relaciona a uma quebra da expectativa *default* (ou seja, a construção estativa em que o quarto não alteraria suas dimensões por conta da retirada dos móveis) à medida que a mudança resulta em algo que só existe conceptualmente (ou seja, ocorre uma construção resultativa, em que o quarto se torna subjetivamente maior).

Referências

DORNELAS, A. B.; ROCHA, L. F. M. Movimento fictivo no português brasileiro: Uma abordagem construcionista. In *Revista Linguagem & Ensino* (Online), 17-1 (2014), pp. 129-149.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, G. *Mappings in language and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

LANGACKER, R. W. Virtual reality. *Studies in the Linguistics Sciences*. V. 29, n. 2, 1999.

LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

MATLOCK, T. *How Real is Fictive Motion?* PhD dissertation, University of California, Santa Cruz, 2001.

MATLOCK, T.; RAMSCAR, M.; BORODITSKY, L. The experiential basis of motion language. In A. Soares da Silva, A. Torres, & M. Goncalves (eds.), *Linguagem, cultura e cognição: Estudo de linguística cognitiva* (pp.43-57). Coimbra: Almedina, 2004.

MATSUMOTO, Y. Subjective-change expressions in Japanese and their cognitive and linguistic bases. In: FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. *Spaces, worlds, and grammar*. Chicago: The University Chicago Press, 1996, 124-156.

PASCUAL, E. *Imaginary Trialogues: Conceptual Blending and Fictive Interaction in Criminal Courts*. PhD dissertation, Vrije Universiteit te Amsterdam, 2003. <http://www.lotpublications.nl/publish/articles/000287/bookpart.pdf>

RASO, T.; MELLO, H. R. *C-ORAL-BRASIL 1: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte (MG): Editora UFMG, 2012.

ROCHA, L. F. M. et al. O uso de entidades fictivas em corpus de fala do PB: evidências empíricas para a Linguística Cognitiva. In *Revista Portuguesa de Humanidades: Estudos Linguísticos*, 17-1 (2013), pp. 61-80.

SWEETSER, E. *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TALMY, L. Fictive motion in Language and “Ception”. In: BLOOM, P; PETERSON, M. A.; GARRETT, M. F. *Language and Space*. MIT Press: Cambridge, 1996, p. 211-276.

TALMY, L. *Toward a cognitive semantics*. 2 volumes. Cambridge, MA: Massachusetts Institute of Technology, 2000.